

Punhos de renda

O Itamaraty recebe críticas por sua atuação no caso do avião brasileiro abatido por venezuelanos

O piloto José Xavier de Mendonça e o garimpeiro Moisés Ferreira da Silva estão mortos. Outros dois garimpeiros, José Santos Oliveira e Francisco Rodrigues, foram feridos. Entre os mortos e os feridos, o Itamaraty sai profundamente arranhado do mais grave conflito registrado até hoje na fronteira entre o Brasil e a Venezuela: a queda de um avião Cessna brasileiro, metralhado quando sobrevoava o espaço aéreo venezuelano, no dia 16 de janeiro. Há denúncias de que o piloto e o garimpeiro tenham sido executados a sangue frio pela Guarda Nacional da Venezuela, após o pouso forçado da aeronave. Mesmo assim, o Itamaraty preferiu admitir oficialmente o ataque somente na última quinta-feira, 30, 24 horas depois de o presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez tê-lo feito e 14 dias após o episódio.

Para os olhos do Itamaraty, pouco significaram as provas mostradas em uma reportagem do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, no dia 24, quando foram exibidas imagens de mais de 30 perfurações a bala de grosso calibre nos destroços do avião, localizado em um ponto perdido da selva venezuelana. De concreto, a chancelaria brasileira distribuiu apenas 41 linhas em que ressalta que os garimpeiros realizavam voo ilegal e exalta o espírito de cooperação entre os dois países. "Fatos como este demonstram que o Itamaraty tem de deixar de brincadeira e aprender a fazer política externa", irrita-se um ex-diplomata com longa folha de serviços prestados. Outro embaixador, este no exercício do posto de ministro interino das Relações Exteriores, Marcos Azambuja, sai em defesa da Casa. "As relações entre dois grandes vizinhos e amigos, como o

Brasil e a Venezuela, nos obrigam ao exercício da diplomacia", desculpa-se. O embaixador, do alto do seu interinato, parece querer dizer, traduzindo-se para a linguagem popular, que prudência e caldo de galinha jamais fizeram mal a alguém.

Há quem discorde. O presidente Collor não escondeu de ninguém a irritação com a lentidão do Itamaraty e na quinta-feira, após as declarações do seu colega venezuelano, determinou uma reunião de emergência entre o ministro interino das Relações Exteriores, o ministro da Aeronáutica,



O piloto Mendonça teria sido executado a sangue frio

Sócrates Monteiro, e o diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma. Os três se reuniram quando também já choviam críticas de políticos à insistência do Itamaraty em minimizar a invasão do espaço aéreo brasileiro por quatro caças venezuelanos que, na tarde de segunda-feira, 27, fizeram 20 minutos de vôos rasantes, com bombas à mostra, sobre o posto Catrimani 2 da Funai, na área yanomami. "Trata-se de uma região de selva fechada e topografia acidentada. É difícil para o piloto saber se está em território brasileiro ou venezuelano", desculpou Azambuja, preocupado, como admitiu, em "pre-

servar as relações com a Venezuela".

De fato, Brasil e Venezuela são duas nações amigas – e é bom que continuem – e mantêm relações diplomáticas e comerciais exemplares. O mesmo não se pode dizer dos brasileiros e venezuelanos que há dois anos travam uma guerra de guerrilhas sem fim no meio da selva. De um lado, garimpeiros brasileiros que avançam Venezuela adentro numa corrida do ouro sem fronteiras. Do outro, as Forças Armadas venezuelanas que sobrevoam espaço aéreo brasileiro, dinamitam pistas de pouso clandestinas, como denunciou a Polícia Federal na quarta-feira, 29, e, eventualmente, abatem um avião a tiros. Atos, enfim, a que o Itamaraty responde com diplomacia sonolenta. "Não acredito que haja uma atitude deliberadamente hostil da Venezuela para com o Brasil. Mas creio que existe, do lado de lá, gente que tenta produzir perturbações ou induzir a um processo

de provocação. Dois países amigos e sócios na Amazônia não podem ser induzidos por esses setores marginais", defende Azambuja. Diplomático, mesmo provocado pelos repórteres, ele recusa-se a criticar os militares venezuelanos ou, mais grave, admitir um eventual descontrole na base da hierarquia do poder fardado.

Na coletiva da quinta-feira, o ministro interino permitiu-se, porém, um único momento de indignação. "O voo era ilegal. O piloto decolou com

um plano de voo falso e mentiu ao declarar que voava com ele apenas mais um tripulante. Mas quem atirou não sabia disso. Houve um ato hostil, grave e deplorável. Não é prática na aviação civil um avião ser abatido mesmo quando sobrevoando espaço aéreo de outro país", criticou. Na mesma quinta-feira, o embaixador da Venezuela no Brasil, Sebastian Alegrett, foi obrigado a dar uma guinada de 180 graus nas suas declarações. Até então, Alegrett empenhava-se em atribuir a queda do avião à falta de combustível. "O governo venezuelano havia recebido informações equivocadas da Guarda Na-

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Isto é / Senhor

CLASS. : Garimpo 55

DATA : 5 2 92

PG. : 20-1

cional”, desculpou-se. Mas defendeu os patrulheiros que fizeram os disparos. “São militares que recebem ordens para defender a integridade do país. A Venezuela está em situação semelhante à do sujeito que vê a casa invadida por ladrões que querem levar seu ouro”, comparou, avisando que daqui para a frente a Venezuela vai agir com mais severidade contra os invasores.

Ninguém questiona a atitude do governo venezuelano em não permitir a extração ilegal de ouro em seu território. Mas os garimpeiros brasileiros desconfiam que a Venezuela permitiu a presença deles em seu território até o dia em que encontraram o ouro. Uma vez descoberto o mapa da mina, o governo venezuelano desfechou, através da Guarda Nacional, uma rigorosa repressão aos garimpeiros brasileiros, revela José Altino Machado, delegado nacional da Usagal (União dos Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia Legal). Calcula-se em 300 o número de brasileiros presos hoje na Venezuela. Nos dois últimos anos, o Itamaraty conseguiu a libertação de outros 60, os 15 últimos durante o indulto de Natal concedido por Carlos Andrés Perez atendendo a um pedido de Collor.

Não resta a menor dúvida de que a tarefa de qualquer país é impedir a imigração ilegal, seja de que forma ela se manifeste. Mas em países minimamente civilizados este é assunto do departamento de migração e das polícias de fronteiras. Raramente das Forças Armadas e jamais de “grupos especiais”, como um destacamento aparentemente autônomo e descontrolado da Guarda Nacional da Venezuela, conhecido pelos garimpeiros como “los negritos”, na verdade um esquadrão da morte fardado, senhor de todos os destinos na fronteira com o Brasil. Eles são chamados de “negritos” por causa de suas fardas escuras e capuzes espe-

ciais. A simples menção deste nome, entre garimpeiros brasileiros, “faz todo mundo tremer de medo”, atesta José Altino. A existência de um grupo com as características de “los negritos” serve para reforçar a possibilidade de que, como garantem os garimpeiros, o piloto José Xavier e o garimpeiro Moisés possam ter sido realmente executados após o abate do avião.

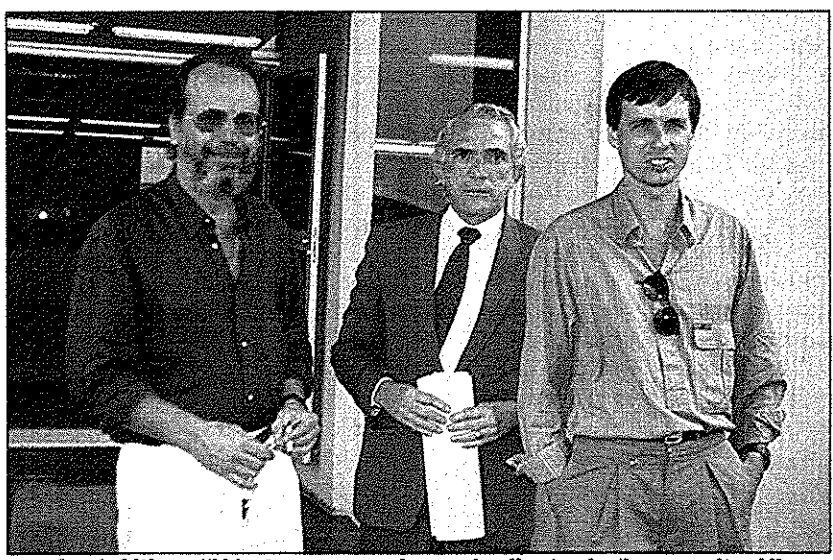
Na defesa do seu país, o embaixador Alegrett lembra que o Brasil também

quanto sangrenta. O Exército brasileiro matou e enterrou na selva os corpos de sete supostos guerrilheiros colombianos, os quais suspeita-se até hoje tratar-se de simples garimpeiros desarmados. De quebra, o Exército foi acusado de torturar quatro garimpeiros colombianos. Hoje, o Itamaraty insiste na “múltipla ilegalidade” do voo abatido pela Venezuela e recusa-se a comprar uma briga com um país amigo por conta de um “setor marginal” como o garimpo.

Mas enviou à Venezuela legistas para acompanhar a exumação dos corpos e um perito da Aeronáutica para analisar a aeronave abatida na esperança de ver os responsáveis punidos.

Os conflitos na fronteira são fenômenos incipientes e caóticos do ainda embrionário processo de ocupação da região norte da América do Sul, na faixa espremida pela densa floresta amazônica e outras barreiras naturais. Assim como, no século passado, o processo de exploração econômica e de consolidação de fronteiras nacionais gerou conflitos, o principal deles a Guerra do Paraguai, o movimento de ocupação desta outra banda, cheia de minérios, tribos remotas e terras inexploradas, não está livre de vir a criar vários focos de tensão. Nas gavetas do Itamaraty repousam vários estudos sobre o assunto e o

Brasil tem ensaiado alguns movimentos de ação conjunta com os países vizinhos. A distância entre a produção teórica e a prática efetiva de uma diplomacia moderna e ágil salta à vista, contudo, quando surgem problemas concretos, como este na fronteira com a Venezuela. A lentidão e os atropelos de decisão expõem com crueza amazônica o despreparo da política externa brasileira para enfrentar os desafios.



José Altino: “Nós trememos de medo diante de ‘los negritos’”



O governo brasileiro resolve se mexer com atraso de 14 dias

usou de força para expulsar garimpeiros. No caso, os colombianos que cruzavam o rio Traíra para garimpar em território brasileiro. Terminou em tragédia. No dia 26 de fevereiro do ano passado, 40 colombianos, supostamente pertencentes ao grupo guerrilheiro de esquerda Farec (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), atacaram uma guarnição do Exército brasileiro estacionada no rio Traíra e produziram três cadáveres. A reação foi tão imediata